

As azedas balas de hortelã

Zardo

Ele está sentado.

Ondas estouram devagar na areia.

O banco do jardim da praia sob o corpo, os pés em *balancê* no ar, a voz doce da mãe, cantiga de ninar predileta, que saudade.

- Julinho. Fique sentado, de olhos fechados. Não pode abrir, tá ?

O menino com a sensação de que vai ficar só novamente.

Mesmo assim obedece.

Dessa vez ela não vai embora.

Abraça-o com carinho.

No mar, um navio sai em direção ao horizonte margeado pelas luzes piscantes vermelha e verde que anunciam uma nova maré.

Seis balas, um plástiquinho, o texto curto dizendo que a pessoa mora na rua, órfão. Afinal, meia dúzia de menta por um real, qualquer um que tem vida boa e pode sonhar, consegue pagar. É o preço da vida, dos sonhos dos outros.

Quanto mais pacote o menino coloca sobre os espelhos retrovisores dos automóveis, enquanto o sinal estiver fechado, melhor para ele e para tia Zeza. A tia que não é tia. Todo dia pega o pequeno no barraco vizinho logo cedo e traz para a rua, em troca de sanduíche de hambúrguer com queijo e a promessa de não ir para a escola.

Tem sido assim a vida de Pivete.

Passa o dia entre as cores dos carros e as raras trocas de palavras com os motoristas. Só reclama do calor e da quentura do asfalto, pois para sensibilizar a freguesia, trabalha sem camisa, descalço e com o calção velho e rasgado.

Sabe que quando fecha o sinal consegue colocar as balas em sete carros na ida, sete na volta e passar por todos esperando as moedinhas perdidas no painel do automóvel. Algumas vezes não consegue nada, mas o sorriso espontâneo de Pivete conquista senhoras e jovens com facilidade. Portanto, todo dia, termina o estoque antes do entardecer e fica aguardando tia Zeza recolhe-lo. Do alto dos seus seis

anos não consegue voltar para casa por conta própria. Em breve, decorará o caminho e conquistará a liberdade.

Enquanto ela não aparece, Pivete brinca de *só-pode-pisar-no-branco* enquanto o sinal fica vermelho.

Fecha o semáforo e lá vai ele, *branco-branco-branco* e atravessa a avenida, de uma calçada à outra. Repara que demora um pouco para aparecer o verde.

Será que dá para ir e voltar no mesmo sinal fechado ?

Os dias passam e Pivete mede o tempo, melhora a velocidade das pernas, o tamanho dos passos e sabe que um dia conseguirá ir e voltar dentro no mesmo farol vermelho.

Sexta-feira, o trânsito está intenso.

Pivete brinca de pular a zebra gigantesca sobre o preto implacável. Cada vez que chega ao outro lado da calçada, mentalmente conta os passos de volta e observa que se fosse mais rápido, com certeza chegaria do outro lado da calçada. Seria a conquista. Que nem o moço da TV que cruza a linha da chegada no estádio e ganha a medalha no mais alto do pódio. Pivete se enxerga com o prêmio dourado no peito preto, liso, suado, marcado e infantil.

O sinal verde traz a fúria dos carros, motos e caminhões e a brisa quente no rosto do Pivete plantado na calçada. Mantém os olhos fechados. Lembra de momentos tristes, do passado não tão distante. O cheiro do combustível não se transforma em maresia, não substitui o perfume doce da mãe, mas quase pode sentir os dedos angelicais dela invadindo seus cachos curtos.

Porque o teria abandonado ? Tia Zeza sabe.

Vermelho.

O chão está quente.

Pivete pula mais rápido que o normal, *branco-branco-branco*, chega à outra calçada, vira rapidamente o corpo e *branco-branco-branco*, vem voltando, olha o sinal, continua vermelho, vamos lá moleque, vai que dá, *branco-branco-branco*.

O motorista da moto acelera desde a esquina anterior, tirando fina dos carros e calculando que perto do cruzamento o sinal mudará de cor e ele sairá na frente de todos, conquistando um troféu inerente ao especismo.

Lá vai Pivete, no meio da avenida perto da vitória, fácil, fácil. O amarelo não surge depois do vermelho. O verde aparece de uma hora para outra e o menino pisa na penúltima faixa perto da calçada. O motorista do fusca sorri para o moleque que

brinca de atleta à sua frente. Sem pressa, não pisa no acelerador e contempla a ação com empatia. Mas a moto, a moto não freia.

O rosto de Pivete recebe a forte luz do sinal verde, o amarelo do sol gelado e o vermelho da maçã do amor das barracas de domingo.

O azul do céu converte-se em alada cor lilás.

O roxo muda para vermelho, laranja e a cena culmina no verde melado da menta na boca amarga do menino, que voa entre cores à sua volta.